

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

NICHEL RODRIGUES SANTANA DE LIMA.

**EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA E DITADURA MILITAR:
Organizações de esquerda e repressão.**

PICOS.

2017

NICAEL RODRIGUES SANTANA DE LIMA.

EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA E DITADURA MILITAR:

Organizações de esquerda e repressão.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador: Professor Me. Luis Filipe Brandão de Souza.

PICOS

2017

Ficha Catalográfica

L732e Lima, Nicael Rodrigues Santana de

Experiência revolucionária e ditadura militar:
organizações de esquerda e repressão / Nicael Rodrigues
Santana de Lima. – 2017.

CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (45 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2018.

Orientador: Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza.

1. Fernando Gabeira-Anistia. 2. Ditadura Militar. 3. Luta
Armada. I. Título.

CDD 981.063



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos sete (07) do mês de Dezembro de 2017, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Nicael Rodrigues Santana de Lima** sob o título **Experiência democrática e ditadura militar: organização de esquerda e repressão**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza
Examinador 1: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador 2: Prof. Me. José Lins Duarte
Deliberou pela Aprova do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 07 de Dezembro de 2017

Orientador (a): Luis Filipe Brandão de Souza

Examinador (a) 1: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 2: José Lins Duarte

NICAEL RODRIGUES SANTANA D ELIMA

EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA E DITADURA MILITAR:

Organizações de esquerda e repressão.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para conclusão do curso.

PICOS

2017

Aos que resistiram à ditadura.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por sempre estar em constante comunhão com seu Diviníssimo Coração. Aos meus amigos que compreenderam a minha ausência. A minha querida prima Dhiane por me servir de inspiração, aos meus pais Nildo e Evanilson pela lealdade, preocupação e pela confiança em mim depositada. Ao meu amigo Thiago Carvalho e a minha querida Leilyanne pela força e ânimo que me desejavam sempre que comentava sobre a preocupação de escrever esse trabalho. Ao professor Dr. Fabio Leonardo Castelo Branco Brito, que ao ministrar a disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa em História contribuiu de maneira exemplar mostrando o caminho a ser seguindo enquanto pesquisador buscando manter uma relação com o objeto pesquisado. Agradeço principalmente ao meu querido orientador Me. Luis Filipe Brandão de Souza, por ter me ajudado a abrir os olhos a uma questão importante da história do nosso país; o agradeço ainda, pelo discernimento, paciência e sabedoria aplicada sempre que conversávamos, pelas considerações valiosas e pelas excelentes dicas de obras que serviram de subsidio contribuindo assim para que eu desenvolvesse este trabalho da melhor maneira possível. Por fim, e não menos importante, agradeço a todos aqueles que de certa forma contribuíram para o desenvolvimento desta monografia, certo de que isso aqui é de todos. Muito obrigado! ´.

E nuvens lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com o chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil
Meu Brasil
Que sonha com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora
A nossa pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses
No solo do Brasil.

(João Bosco e Aldir Blanc, O bêbado e A equilibrista, 1978)

RESUMO

O campo da produção historiográfica sobre a ditadura militar é muito farto, e, é marcada por uma manifestação literária e artística que não nos deixa esquecer tal período. Neste campo, encontra-se Fernando Gabeira, jornalista, escritor e político que foi membro do movimento revolucionário e da luta armada, que ao narrar certo momento da ditadura militar expôs a sua vivência a esquerda revolucionária construindo em torno dela uma espécie de mística. “O que é isso companheiro?” é um livro que contribui para formar um texto memorialístico dos acontecimentos vividos por ele no período do regime, e constrói um registro autobiográfico, sendo o primeiro de uma trilogia publicado em 1980, período que se encaminhava para uma abertura política. Escritores que viveram a ditadura puderam de forma vasta produzir literatura sobre o período, de certo modo o que se discute hoje são essas variedades de escritos. O objetivo desta monografia é construir um texto que aborde essas vivências esquerdistas, mas que confronte a atuação do Gabeira através do objeto analisado podendo enxergar de outra maneira a figura do ex-guerrilheiro, diferente do que expressa Gabeira. Dentro dessa perspectiva, iremos construir através dos relatos de Fernando Gabeira uma escrita sobre algumas organizações da esquerda revolucionária e como essas são analisadas hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Gabeira – Anistia – Ditadura Militar – Luta Armada.

ABSTRACT

The field of historiographical production on the military dictatorship is very bountiful, and is marked by a literary and artistic manifestation that does not let us forget that period. In this field, among others, we find Fernando Gabeira, a journalist, writer and politician, that was a member of the revolutionary movement and of the armed struggle, who by narrating a certain moment of the military dictatorship, exposed his experience at revolutionary left, building around it a kind of unity among the left groups. "O que é issocompanheiro?" It is a book that contributes to form a memorialistic text of the events lived by him during the period of dictatorship, and builds an autobiographical record, being the first of a trilogy published in 1980, period that was headed for a political opening. Writers who lived the dictatorship could vastly produce literature about the period, somehow what is discussed today are these varieties of writings. The objective of this undergraduate thesis is to construct a text that addresses these leftist experiences, but that confronts Gabeira's performance through the analyzed object and seeing in another way the figure of the ex-guerrilla, different from that expressed by Gabeira. Within this perspective, we will build through the reports of Fernando Gabeira writing about some organizations of the revolutionary left and how these are analyzed today.

KEY WORDS: Fernando Gabeira - Left - Military Dictatorship - Armed Struggle.

SUMÁRIO

| | |
|--|--------------|
| INTRODUÇÃO..... | P. 10 |
| CAPITULO 1. UM PERÍODO DE REPRESSÃO E CENSURA: Do golpe civil e militar à ditadura militar..... | P. 17 |
| 1.1. O golpe que derrubou a democracia..... | P. 18 |
| 1.2. A revolução dentro do golpe..... | P. 22 |
| CAPITULO 2. LITERATURA E DITADURA: Esquerda, Movimento Revolucionário e Narrativa..... | P.29 |
| 2.1. Construção memorialística da ditadura militar..... | P.29 |
| 2.2. O movimento revolucionário e a narrativa de Fernando Gabeira..... | P.35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | P.41 |
| REFERÊNCIAS..... | P.44 |

INTRODUÇÃO

Vem sendo desconstruídas certas imagens sobre a ditadura militar, bem como suas movimentações de esquerda; assim, é contestado certos acontecimentos tanto políticos como social. Estão sendo criados discursos e desconstruídos outros sobre o período militar devido aos diversos campos teóricos serem apresentados ao historiador pelo surgimento de uma vasta produção que pode ser encontrada sobre a época da ditadura.

A partir da escrita de Fernando Gabeira¹, buscaremos construir um texto que aborde visões sobre os movimentos de esquerda com o objetivo de formar bases necessárias para o maior combate que é o do esquecimento, ou seja, devido aos resquícios do tempo, e com base na memorialística de Fernando Gabeira, construiremos um trabalho que, de certa forma, nos servirá para entendermos melhor sobre a época em que se instaurou a ditadura militar, tempo este que será discutido neste trabalho.

Tal postura está de maneira implícita ligada a essa monografia. Falaremos sobre a violência como uma forma de mostrar o período militar, como deixa para tentar falar da vida social e privada das pessoas que estavam inseridas no contexto.

Neste trabalho não será feito uma análise que mistifique as experiências de guerrilhas, até porque todos tinham seu interesse no que se diz respeito à política e defesa de seus ideais; porém, é importante tomar como base os escritos e análises feitos sobre a importância da luta armada para o combate à ditadura militar, nos fundamentando tanto nos relatos que caracterizam os ex-guerrilheiros, como nos estudos construídos hoje sobre os mesmos. Por isso, não construirei um gráfico apurado da situação deste período, até porque se trata de um tempo com uma grande produção literária e uma diversidade cultural tremenda.

¹ Fernando Gabeira, escritor, jornalista e ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro (1998-2010), nascido em 1941 é mineiro de Juiz de Fora, e carioca desde 1963, destacou-se como jornalista. No final dos anos 60 ingressou na luta armada contra a ditadura militar, foi preso e exilado.

Se muitos viam João Goulart como um presidente reformista, o golpe civil e militar de 1964² vai ao oposto daquilo que tentavam construir no Brasil. Entretanto, antes de buscar construir algo que caracterize mais ainda o regime como um momento brutal de força contrária que vinha causar grandes prejuízos políticos e sociais, buscarei no primeiro momento descrever o sentimento das pessoas e como o país estava inserido numa demanda de reformas sociais e políticas antes do golpe

Essa era uma espécie de missão impossível. A situação do presidente já era muito difícil, política e militarmente. Era praticamente insustentável. Ataques à sua legitimidade no cargo vinham de todos os principais jornais do Rio de Janeiro e de outros estados engajados no movimento civil e militar.³

Jorge ferreira e Ângela de Castro Gomes in: *o golpe que derrubou um presidente, e pôs fim no regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*,⁴ nos lembra que os ataques à legitimidade do presidente estava sendo de todos os lados, tanto dos principais jornais do Rio de Janeiro como de outros estados, que estavam inseridos no golpe civil e militar.

Com a ideia de que a crise política que se instalou no Brasil não deveria e não deve ser analisada apenas pelos erros do governo Jango, partimos de Marcos Napolitano⁵ para afirmar que vem sendo desconstruídas certas imagens sobre o golpe civil-militar que instaurou o regime militar. Estão em destaque os desejos que os principais escritores do período militar e pessoas que enfrentaram o golpe civil e militar tinham em ver a democracia, uma vez que o golpe era contra a própria democracia.

Desta maneira, isso me levou a pensar nas experiências vividas por algumas pessoas, como as que eram membros do movimento revolucionário, que de certa forma serviram ao nosso meio político. Essas experiências (como

² Golpe de estado civil militar que instaura governos ditatoriais, e que mais tarde viria a ser somente militar.

³ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964**: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

⁴ Para uma discussão mais ampla, ver: FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964**: o golpe que derrubou um presidente, e pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. P. 355-393.

⁵ NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014. p. 3-97.

a revolucionária, por exemplo, que estão presentes no texto de Denise Rollemberg *in: Esquerdas revolucionarias e luta armada*, e que irão ser discutidas no segundo capítulo deste trabalho) não nos deixara esquecer que, em certo momento da nossa história, muitos pediam por democracia, e que ao mesmo tempo essas mesmas pessoas eram reprimidas.

Na tentativa, de buscar construir um trabalho que dialogue com as experiências revolucionárias de algumas classes de esquerda, surge o objetivo desta monografia: interpretar e desenvolver uma escrita que busca construir uma visão sobre o período ditatorial levando em consideração a narrativa de Fernando Gabeira presente no livro *O que é isso companheiro?*⁶

Sabemos que na época da ditadura militar, que vai de 1964 a 1985, surge uma vasta produção literária construindo uma escrita viva e pertinente. Com o objetivo de mostrar os efeitos que os atos e movimentos políticos exerceram sobre a literatura brasileira, Luis Ruffato⁷ faz uma breve análise de alguns discursos literários produzidos no período da ditadura militar e em outros períodos da história do Brasil. Assim, vale a pena ressaltar e buscar analisar o que foi produzido no período estudado.

Essas variedades de discursos, sejam eles produzidos por artistas como expressão de sentimentos sobre o momento, ou estudos mais profundos produzidos sobre a ditadura, servem hoje de base teóricas e metodológicas que contribuem para o entendimento da situação pela qual o país passou, principalmente nos primeiros anos da ditadura, e no período dos “Anos de Chumbo”.

Algumas produções historiográficas têm uma enorme força quando essas buscam resgatar pessoas e classes sociais que se encontram fora da valorização da historiografia e do enfoque do historiador. O direcionamento do

⁶ Livro que narra a experiência revolucionária e a luta armada, onde os guerrilheiros foram envolvidos no seqüestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. Ação empreendida pelos grupos revolucionários MR8 e ALN, em setembro de 1969, que pretendiam trocá-lo por 15 presos políticos.

⁷ RUFFATO, Luiz (org.). **Nos idos de março: a ditadura militar na voz de 18 autores brasileiros**. São Paulo. Geração Editorial, 2014. Lembra os efeitos que a ditadura militar exerceu sobre a literatura brasileira, coletânea produzida quando o golpe o golpe completou 50 anos.

olhar do pesquisador a esse universo tem possibilitado uma maior reflexão sobre os variados setores que, de certa forma, resistiam ao golpe de 64.

Por mais que as produções do período militar nos sirvam de base metodológica, devemos ter certo cuidado ao analisarmos tais fontes, pois muitas dessas memórias sejam de esquerda ou de direita, ou de outras classes, servem mais de objetos de análises do que de uma fonte propriamente dita. Sendo que estas, por sua vez, precisam ser analisadas e reconstruídas. Isso devido ao fato de que o que se escreve ser influenciado pelo espaço e pelo tempo que a pessoas se encontravam.

Acredito que o cenário brasileiro ligado à crise de paradigmas na historiografia, de certa maneira contribuiu para tornar mais amplos os estudos sobre as subjetividades presente tanto na narrativa memorialística de Gabeira como em outros estudos históricos, como o da vida privada.

Dessa maneira, nasceu uma discussão sobre o novo que está dentro do sujeito social que veio conciliar a ampliação do conhecimento histórico, objetivando a construção de uma historiografia que esteja inserida no processo de desenvolvimento que estava sendo imposto no governo de Goulart e que olhava para o social das pessoas.

São desconstruídas certas imagens sobre o golpe civil-militar que instaurou o regime militar; imagens estas de que o golpe foi planejado apenas por militares e de que nos primeiros anos não houve censura e repressão. Estão em destaque os desejos que os principais escritores e pessoas que enfrentaram o golpe tinham de ver a democracia, principalmente a partir da década de 1980, uma vez que o golpe era contra a própria democracia.

O projeto de repressão estava preparado desde o início do golpe, e sempre houve, mas isso só foi institucionalizado em dezembro de 1968 com o AI-5, sendo possível maior combate à corrupção e ao comunismo. Foi depois do AI-5 que ficou mais claro o objetivo do sistema.

Foi também a partir de dezembro de 1968 que se intensificaram a perseguição a políticos, com a cassação de seus mandatos, mas não somente pós 1968. Carlos Fico nos deixa claro, por exemplo, o fechamento do

Congresso por Castelo Branco, o primeiro general presidente, sendo que antes do AI-5 já havia sido cassado o mandato de JK.⁸

A contestação dessa leitura corrente sobre a “modernização” de Castelo não é apenas mais uma disputa de memória, pois, felizmente, hoje ampara-se em pesquisas profissionalmente conduzidas. Trata-se de um pressuposto básico para firmar-se uma interpretação que se baseia em pesquisa ainda insipiente: o entendimento do regime militar como o da trajetória de surgimento, ascensão auge e decadência do setor conhecido como linha dura.⁹

O que se discute nas primeiras páginas de *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar* escrito por Carlos Fico,¹⁰ é a mistificação do presidente Castelo Branco como moderado. Percebemos que houve um fracasso do mesmo devido à força de militares radicais que em alguns momentos agiram de forma autônoma, sendo um grupo mais radical dentro da “revolução”.

Esses militares mais radicais formavam a “linha dura” que conquistou espaço dentro do sistema; o combate ao comunismo, e a vontade de banir a corrupção com força e repressão mostra o que se pretendia há muito tempo e que ficou claro no primeiro dia de março de 1964, embora neste período a tortura, censura e repressão fossem mais tímidas.

De forma centrada, Marcos Napolitano discute os objetivos políticos e básicos que o autoritarismo tinha no momento em que estava sendo imposto. Nesta linha de percepção, iremos ver que eles tinham o objetivo de banir políticos e uma elite reformista que estava de certa forma propondo reformas básicas no país.

Seguindo a visão do entendimento, o que se discute são fatos históricos. Sobre isso será possível analisar como a narrativa pode estar dentro da

⁸ Eleito em 1962 como senador pelo estado de Goiás. Com o golpe de 1964 Juscelino Kubitschek foi acusado pelos militares de corrupção e de ser apoiado pelos comunistas, como consequência teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos.

⁹FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.24, n47, p. 29-60, 2004

¹⁰ Para saber mais: FICO, Carlos. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 47, p.167-206.

construção de uma escrita que servirá tanto ao tempo em que se escreve como a um tempo bem distante deste.

Por isso, se inicia no primeiro capítulo deste trabalho uma tentativa de falar sobre a memória histórica da ditadura e suas marcas, tentando construir uma memorialística que esteja dentro de uma literatura que resistiu à ditadura e fala sobre tal, mas que também retrate os primeiros anos do golpe como algo que jamais deva ser esquecido, compreendendo assim o 31 de março e o 1º de abril de 1964 como os primeiros anos do golpe.

No segundo capítulo iremos dar maior ênfase na narrativa produzida por Gabeira, constituindo uma literatura fragmentada sobre o período, trazendo uma visão sobre a violência da esquerda caracterizada como revolucionária e dialogando com vários textos que nos servem de ajuda para construirmos uma produção mais sólida sobre o período.

Farei, portanto, uma análise do livro *O que é isso companheiro?* com um objetivo metodológico, bem como a tentativa de construir um discurso a respeito dessa narrativa, objetivando também o olhar da imprensa sobre Gabeira e uma escrita que vai da luta armada até a luta da libertação social.

Gabeira se constitui um narrador que faz uma escrita sobre os acontecimentos do passado e conseqüente a isso do seu ponto de vista a esses acontecimentos. Por isso ele faz o seu livro "O Que É Isso, Companheiro? Um dos primeiros livros memorialísticos escrito no exílio. Tornando se crítico de um período Gabeira adota uma postura esquerdista que, onde as questões que iriam definir o cotidiano das pessoas deveriam ser políticas. Dessa forma o sentido do que ele escreve pode ser explicado pelo valor dos fatos sobre o que ele deseja construir.

Não aceitando uma situação de opressão que tiravam da vida social mulheres e discriminavam demais pessoas devido à sua cor e opção sexual, Gabeira, ao tempo em que escreve o seu livro, busca também formar um movimento que englobasse os grupos que se sentissem oprimidos por práticas econômicas e que não dialogavam com o capitalismo. Assim, "O que é isso, companheiro?" expressa, através da literatura, uma proposta que busca formar

um diferenciado grupo social, mais igualitário. Tudo isso através da participação de Gabeira como militante e político brasileiro, mas que também queria mostrar sua face como iremos ver.

CAPÍTULO 1

UM PÉRIODO DE REPRESSÃO E CENCURA:

Do golpe civil e militar à ditadura militar.

Na atualidade existe uma maneira mais clara de se referir aos fatos que de forma torpe mancha a história do Brasil. De fato, as revisões e produções textuais sobre o período militar, vêm aumentando e podem ser confrontadas e refeitas. Percebemos com Carlos Fico *in. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. o aumento do interesse de falar sobre o período ditatorial. Isso porque as formas estereotipadas de tratar sobre o golpe estão sendo superadas por diferentes formas, como a de se pesquisar sobre a ditadura com maior desprendimento político, por exemplo.¹¹

De abril de 1964 e durante 21 anos, conseqüentemente, o que aconteceu no Brasil, de início, foi uma articulação civil e militar que tinha o objetivo de limpar as lideranças trabalhistas e sindicais. Os grupos da esquerda foram os primeiros a sofrer com o governo ditatorial, assim passou-se a combater no Brasil o comunismo e a “corrupção”. Dessa maneira, as prisões e outras arbitrariedades passaram a ser constantes desde o momento inicial.

O autor rompe com a dicotomia de “opressor” e “oprimido” tão cara as esquerdas de 1960 e 1970 e que permanece em Gorender. A derrota da luta desencadeada em 1967 não se deu em função da melhor organização da repressão, como interpretou Gorender, e sim pela distancia intransponível do projeto das esquerdas de mudanças pela subversão da ordem estabelecida e o desejo de mudança da sociedade que deveriam acontecer no âmbito da ordem, da afirmação do sistema econômico e da elite política autoritária e conservadora.¹²

Nesta linha de repressão e arbitrariedades, não diferentes dos primeiros anos da década de 1960, a luta armada se fez presente, inserida nas esquerdas revolucionárias que enfatizavam o sentido da resistência. Neste

¹¹FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.24, n47,p. 29-60, 2004

¹²ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e luta armada**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano 4). P. 43-92.

caso, o que está em discussão é o combate da luta armada das esquerdas à ditadura, visando a volta da democracia que teria sido extinta em 1964. Bem como em toda a América latina, o que se forma no Brasil é uma onda de organização de movimentos desde o início de 1960. Foi a partir de então que o Brasil viveu um momento de maior participação política das classes sociais e atuantes, como bem esclarece Denise Rollemberg.

Acredito que toda discussão historiográfica sobre o período ditatorial se faz necessária para uma maior compreensão sobre a época. Acredito ainda, que não somente a revisão historiográfica e discussão sobre o período, mas como em toda a escrita sobre a história do Brasil deve haver reavaliação, levando em conta o que se escreveu, até porque as coisas estão sempre se transformando.

1.1. O golpe que derrubou a democracia.

A tomada de poder que modificou as estruturas do Brasil durante 21 anos foi explicada pela Doutrina de Segurança Nacional baseada em outros países da América, que tinha o interesse de formar e executar a segurança no Brasil.

Dessa maneira, o golpe de 1964 ganha força quando entra em cena a Doutrina que era desenvolvida pela escola superior da guerra. Com o golpe, veio o estabelecimento de normas nas Forças Armadas que passava a gerir a política do país.

Obedientes aos ditames da Doutrina de Segurança Nacional vão-se detectar diversas transfigurações, tanto no nível estratégico, quanto no nível tático. Durante os 21 anos de regime militar não houve nenhum tipo de alternância partidária de poder, mas somente entre as correntes militar que trafegava no seio das Forças Armadas.¹³

Sendo assim, as Forças Armadas seguiam de forma mais dura as regras da nova Política de Segurança Nacional. Dessa forma, era constituído um partido que desenvolvia a função de conduzir a sociedade segundo a sua doutrina. Assim, a censura e a repressão passaram a ser impostas atingindo a institucionalidade do país.

¹³ BORGES, Nilson. **A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares.** In: Ferreira Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 6. ed. rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4). p. 167-206.

No dia 1º de abril de 1964, com o governo sitiado, João Goulart se via impossibilitado de exercer alguma autoridade no país, inserido em uma situação de fraqueza política e militar. Ataques à legitimidade do seu cargo vinham de todos os lados, tanto civil como militar. Os principais jornais do Brasil apoiavam a saída do governo em suas publicações. Todos clamavam pela deposição de Goulart para que se pudesse manter a ordem constitucional no país.

Lacerda, como disse, era um “demolidor de presidentes”. De fato não havia ataque algum, não houve ataque embora o almirante Aragão, junto a majores e capitães, insistisse com o presidente que o autorizasse a invadir o palácio e prender Lacerda. A resposta negativa de Goulart acabou sendo decisiva para o avanço dos AA golpistas quer os que vinham de Minas, quer os de São Paulo.¹⁴

A crise política no Brasil estava aumentando cada vez mais; o presidente do senado que atuava do lado dos civis e militares encerrou a sessão, desligou os microfones e apagou as luzes: o congresso legitima o golpe, depondo o presidente do Brasil onde, em seguida, o governo Norte-Americano reconhece Ranieri Mazzilli como presidente.

Em Porto Alegre, Leonel Brizola e o comandante do III Exército estavam à espera de Jango, onde segundo eles iriam dar início à resistência ao golpe. O presidente deveria sair do Rio de Janeiro, pois corria perigo de vida. Se formava assim, um organização comandada por Brizola que estava disposta a lutar contra as forças golpistas; também estava disposta a cumprir ordem do almirante Aragão, que deveria prender Lacerda o qual tomava de conta dos alto-falantes no Palácio Guanabara.

Cercado de todos os lados, Jango renunciou ao cargo de presidente do Brasil, devido a sua fuga ter sido apresentada como vacância. Com o Congresso Nacional criticando Goulart e a situação armada no Brasil, surgiam ameaças de repressão de todos os lados. Até quem não defendia o governo manteve-se disposto a mobilizar forças mesmo que elas não existissem.

¹⁴ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

Com a declaração de vacância do cargo de presidente do Brasil feita pelo presidente do senado Auro de Moura Andrade, o deputado Ranieri Mazzilli foi convocado para assumir a presidência da república. Tancredo Neves tentou impedir a declaração de vacância do cargo de presidente alegando que o país estava sendo vítima de golpe comandado pelo presidente do senado, proferindo da tribuna um carta elaborada por Darcy Ribeiro relatando que João Goulart se encontrava em Porto Alegre com o seu ministério.

O poder legislativo foi participe do golpe, desempenhando funções estratégicas, inclusive em termos de relações internacionais. O reconhecimento do novo governo pelos Estados Unidos abriu caminho para outras nações fazerem o mesmo. Mas o poder judiciário também esteve presente. O presidente do Supremo Tribunal Federal. Álvaro Ribeiro da Costa, não questionou, em nenhum aspecto a atuação do presidente do senado, no mínimo muito rápida, pois se sabia que Jango estava no Brasil.¹⁵

Desse modo, o que se passava no Brasil era uma aceitação do fim de um governo legítimo que caiu devido a pressões nacionais de todas as classes sociais e principalmente internacional. Vimos que os poderes constituintes do Brasil, tanto o Legislativo como o Judiciário, exerceram grandes forças para a implantação de um governo autoritário que iria corromper as bases legais da moralidade política do país.

Assim, o que se estava inserindo era um governo que estava além do imaginário daqueles que aplaudiam as tropas militares nas principais avenidas do Brasil. Pois no momento do estabelecimento do novo governo o que se conclamava era uma amostra militar do que viria a se tornar o país com a presença destes nas ruas.

Sobretudo se o STF considerasse a movimentação militar, que vinha ocorrendo desde 31 de março, tinha em vista a deposição de Goulart pela força. Álvaro Ribeiro da Costa agiu como se o estabelecimento de um novo governo estivesse dentro da legalidade. Foi ao Palácio do Planalto e, na condição de chefe do Poder Judiciário. Legitimou a posse de Mazzilli na presidência da Republica.¹⁶

¹⁵ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

¹⁶ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

A decisão e união entre civis e militares em depor Goulart era vista por alguns ângulos. Desta maneira, houve um recuo daqueles que, de certa forma, pensavam em resistir à deposição de Jango. Nem greve geral os sindicalistas conseguiram deflagrar. Mas se esperavam a chegada de João Goulart em Porto Alegre que estava sob comando de Leonel Brizola e o comandante do III Exército, Ladário Telles. Mas não se confirmou uma possível resistência armada.

O que se pretendia com a implantação do autoritarismo em 1964 era o fim de uma classe reformista que estava se inserindo no Estado, e o que mais queriam eram os cortes nas relações entre as organizações dessas classes, como o movimento operário e camponês e de base social e popular. Assim foi implantado um regime autoritário culminado com um golpe civil-militar. É dentro destas perspectivas do combate ao comunismo e das reformas de bases que se levanta uma direita em defesa da ordem.

Essa é uma das explicações analisadas por alguns autores para explicar as causas do golpe, podemos analisar também além da explicação de ser um golpe contra as reformas de base, o fato dos militares sempre terem em mente o que se pretendiam desenvolver no país, muito antes da formação da Doutrina de Segurança Nacional. Claro que não deve ser descartada uma crescente simpatia comunista.

Apesar das boas intenções, o governo Jango, efetivamente, não teve importância; serviu apenas para a direita autoritária justificar seu golpismo e retirar a necessidade do controle social dos trabalhadores. Seja porque, do ponto de vista estrutural, o modelo dito “populista” de política estivesse condenado pela necessidade de avanço do capitalismo predatório das periferias, seja porque o próprio projeto reformista carecia de consistência ideológica e política.¹⁷

Marcos Napolitano afirma que a crise política não deve ser analisada pelos erros do governo Jango, e diz que para termos uma análise sobre o período não podemos deixar o partidarismo e as paixões falarem mais alto: antes de tomar partido, o olhar deve ser de historiador.

¹⁷ NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014. p. 3-97.

A direita brasileira que se levantou contra Jango estava muito mais preocupada em defender os seus interesses, já que ele havia proposto reformas como a agrária que iria afetar tanto os latifundiários como beneficiar as pessoas com a nova distribuição de terra. O que estava em jogo era a reforma agrária, o voto do analfabeto, a legalização do partido comunista e etc.

O país passava por uma crise institucional. Além do mais, o capitalismo estava em transformação; assim, tudo isso e outros fatores contribuem para caracterizar e marcar um período de incerteza dentro do governo Goulart.

1.2. A revolução dentro do golpe.

Com a deposição de João Goulart do cargo de Presidente da República e com a sua fuga para fora do país, se difundiu no Brasil a transformação do golpe para revolução vitoriosa. Existiam vários comandos de forças espalhados pelo país que reconheciam um único general como novo ministro da guerra. Por sua vez, os militares com o comando da situação, tinham a Marinha e a Aeronáutica sob controle.

Decidido em não resistir ao golpe como pretexto de evitar uma luta que trouxesse prejuízos à população, Goulart evitaria um derramamento de sangue entre aqueles que apoiavam o golpe e aqueles que optavam pela resistência para mantê-lo no poder. Mas isso não seria posto fora de cogitação, pois depois da instalação do golpe aconteceria a perseguição aos que se colocavam como inimigos da "revolução", uma vez que isso era realizado, argumentado como uma repressão em nome da democracia.

Os sentidos atribuídos a tais ações variaram desde esse momento. Houve leitores que o viram como uma prova de que o país corrigia seu curso político, ameaçado pelos "comunistas", categoria sempre capaz de se alargar e ter contornos na história do Brasil. Houve leitores que se surpreenderam com o que se faria em nome da legalidade, outros que começaram a se assustar com a dureza de que militantes sindicalistas e deputados do PTB, por exemplo eram tratados.¹⁸

¹⁸ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

Conforme as coisas iam acontecendo, as circunstâncias indicavam como as pessoas iriam mudar o pensamento a respeito do novo sistema. Dessa maneira, a forma de como o golpe chegou e o que se desenvolveu, por conseguinte foram de vasta forma. Ao longo dos governos autoritários, várias instituições, jornais e demais pessoas desconstruíram o seu pensamento a respeito de um novo governo que iria acabar com a corrupção e com o comunismo.

As formas de recepção do golpe de 1964 e das primeiras notícias sobre os atos desses movimentos foram e continuaram a ser múltiplas. Diversas instituições organizações e pessoas nele envolvidas mudaram suas avaliações no decorrer das décadas seguinte, conforme as circunstâncias políticas iam se transformando.¹⁹

A memória construída sobre tal período deve ser confrontada de varias formas, tanto hoje em dia como nos primeiros anos de ditadura. Pois sabemos que na medida em que a repressão ia entrando em evidencia surgia também à lembrança daqueles que teriam ajudado a implantar o que se estava em desenvolvimento. Pois se trata de um golpe implantado com a ajuda e esforço tanto dos civis como dos militares, estes por sua vez desenvolveram o que conhecemos como ditadura, censura e arbitrariedade.

Jorge Ferreira e Angela de Castro continuam com a ideia de que os objetivos do golpe de 1964 era contra o governo de Jango e com a necessidade de banir do pais o comunismo e a corrupção, e que eles não pensavam em estabelecer no Brasil governos autoritários. Sendo assim queriam a saída de Jango e uma solução constitucional. Todavia, por mais que existissem pessoas que passaram a apoiar a democracia e criticavam ferozmente à ditadura esses mesmo apoiaram claramente a ditadura.

Podemos dizer que um possível desentendimento entre civis e militares aconteceu nos dias posterior à deposição de Goulart, pois os vários grupos passaram a disputar o poder, entre as forças. Desta maneira Castelo Branco passou a ser presidente a partir do dia 15 abril de 1964. Desencadeou assim

¹⁹FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pos fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro; São Paulo, 2014. p. 355-393.

um combate ao comunismo e a corrupção, iniciando também um combate pelo fim das organizações trabalhistas e sindicais.

la-se constituindo uma corrente de opinião difusa em vários segmentos da esquerda, que colocava a necessidade de criar uma vanguarda realmente revolucionária, que rompesse com o imobilismo e opusesse uma resistência armada à força bruta do governo, não só para restabelecer a democracia, mas especialmente para avançar em direção à superação do capitalismo.²⁰

Todavia, percebemos que muitas classes sociais e ordens religiosas declararam apoio aos atos revolucionários. Dessa maneira, se constituiu no país uma espécie de revolução, mas esta estava inserida dentro do golpe civil e militar, como uma espécie de eliminar a sujeira do país seja política ou social. Assim com o governo de Castelo Branco estava inserida uma revolução pela honra do país e daqueles que seguiam o estabelecimento do governo ilegítimo.

Percebemos, com isso, o advento de um pensamento que poderia levar a solução ao país onde colocava em prática a vida pública e privada das pessoas. A revolução de 1964 passa a impor no Brasil um tipo de combate contra a ordem vigente, principalmente o combate a uma classe que estava desenvolvendo uma cultura que tratava esse sistema e suas mazelas como forma de entender não somente a situação, mas também a dor do silêncio.

Por ser definida como revolução nos primeiros anos do golpe, nós não podemos fugir da situação, em afirmar que não houve censura e repressão desde o início. Desta maneira, em discussão o que muitos quiseram chamar de “ditabranda” se referindo a ditadura nos primeiros anos como algo que não teria um caráter repressivo; entretanto, podemos dizer que desde 1964 houve tortura e censura.

Não somente os políticos sofreram repressão, mas também as organizações e movimentos sociais que estavam se formando. Em primeiro momento, podemos dizer que na esquerda seus escritores e artistas foram

²⁰ RIDENTI, Marcelo. In: **Versões e ficções: o sequestro da História**. 2º Ed. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo: 1997.

poupados; é como se o interesse do sistema no início fosse barrar os líderes políticos, lideranças sindicais e líderes militares considerados como reformistas.

Os quatro primeiros anos dos militares no poder foram marcados pela combinação de repressão seletiva e construção de uma ordem institucional autoritária e centralista. Em outras palavras, a ordem autoritária dos primeiros anos do regime militar brasileiro estava mais interessada na blindagem do Estado diante das pressões da sociedade civil e na despolitização dos setores populares (operários e camponeses) do que impedir completamente a manifestação da opinião pública ou silenciar as manifestações culturais da esquerda.²¹

O regime militar no país de 1964-1968 é mais explicável pela própria natureza do golpe, sobre o que estava sendo imposto e, conseqüentemente o que deveria ser executado, e não pelo seu caráter envergonhado. Visava, no primeiro momento, controlar a emoção e a agitação das pessoas.

Quando Carlos Lacerda se deu conta do que havia ajudado a construir como líder civil do golpe, formou com JK a Frente Ampla. De início, Goulart não aderiu a esta organização, devido sua má digestão com Carlos Lacerda. Formava-se uma esquerda composta por líderes políticos. À medida que o regime assumia o caráter ditatório, as pessoas iam se dando conta das intenções do sistema.

O início da campanha pública criada pela Frente Ampla e toda a sua movimentação, de certa forma ameaçava o governo, pois no momento da movimentação dos estudantes poderia haver uma junção com a maratona de comícios lançada por esse movimento, fazendo com que houvesse uma concentração das massas, surgindo uma organização política dentro do regime.

A partir de 1968 o movimento estudantil ganhou mais forças e com maior ênfase movimentavam as ruas. O governo passou a proibir às atividades da Frente Ampla. Com isso, as críticas desta organização já não chegava com forças para as massas estudantis.

Desde 1966, os estudantes realizavam protestos públicos contra o regime, protagonizando choques com a polícia e defendendo o “voto livre”. O movimento estudantil ainda dispunha de certa margem de

²¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 3-97

ação política, sobretudo dentro das universidades, tomando para si a tarefa de criticar o regime e de ser a vanguarda da luta por mudanças sociais.²²

O movimento estudantil permanecia como movimentações radicais, que de certa forma conseguia sensibilizar líderes de outros movimentos e também a imprensa liberal. A luta dos estudantes serviu de base de negociação com o sistema, visando surgir uma liberalização no regime.

Porém, de 1964 a 1968 o governo adotou medidas que repreendiam as movimentações estudantis. Para isso, foram feitas reformas nas estruturas profissionais das universidades, pois o movimento estudantil era um foco revolucionário que balançava as estruturas do regime.

Segundo Marcos Napolitano, em várias cidades eram realizadas as passeatas organizadas pelos estudantes. Antes da proibição do governo, a última ocorreu em junho de 1968. No Rio de Janeiro era onde se concentrava o maior número dessas manifestações, a repressão aos estudantes aumentava consideravelmente. Um exemplo foi a ocupação da Universidade de Brasília por militares, sendo obrigado as organizações pensar em uma reorganização das suas estruturas. Por conseguinte, grupos de esquerda passaram a defender a guerrilha que aumentou a força da luta armada nas ruas.

Durante protestos, a partir de questões estudantis específicas, o movimento conseguiu disseminar palavras de ordem contra o regime, articulando a luta “reivindicatória”, a luta “política”, conforme os jargões da época. Mas isso não significa a convergência de posições.²³

Percebemos que dentro do movimento estudantil estavam inseridas outras organizações e que para algumas correntes do movimento a opção era ir às armas para que fosse possível tentar combater a repressão que era imposta. Essas correntes formavam a base necessária da formação da guerrilha.

²² NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 3-97

²³ NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 3-97

Devido toda a repressão e arbitrariedade cometida contra as outras organizações de esquerda inserida dentro do movimento estudantil, foi possível desenvolver a difusão da luta armada sobre pretexto de proteção contra a repressão.

Com a radicalização das posições, a maior parte da imprensa, por sua vez, passou a ver no radicalismo da esquerda estudantil a mera contraface do radicalismo da extrema-direita, chegando em alguns caos a justificar o endurecimento do governo. Nascia, entre nós, uma versão da “teoria dos dois demônios” que, na ótica liberal, levaria a sociedade à violência desenfreada.²⁴

Desta maneira é possível desenvolver um pensamento de que, a partir do momento em que a esquerda endurecia, a sua manifestação contra o regime passava a combater a ditadura na luta armada formando guerrilhas. O sistema também se via obrigado a endurecer a linha de repressão. Neste caso, entra em andamento a luta da extrema esquerda contra a repressão da extrema direita culminando com o AI-5.

O que muito se discute a respeito do AI-5 imposto em dezembro de 1968, é que este veio tirar o caráter repressivo e arbitrário dos primeiros anos do regime militar. Já foi falado no início do trabalho que em todo o seu curso o regime agiu com violência e repressão. Se discute também, que o AI-5 teria levado à radicalização da esquerda, ou que o surgimento da luta armada teria levado à imposição do mesmo.

Do mesmo modo, a criação, pela ditadura, de um “setor especificamente repressivo” não foi apenas uma consequência da “luta armada”, mas um projeto que se integrava ao estabelecimento de outros suportes básicos do regime (espionagem, censura, propaganda) e com as quais se pretendiam, em síntese, eliminar ou ocultar tudo que dissentisse da “utopia” autoritária expressa na diretriz geral da “segurança nacional”.²⁵

Vimos anteriormente que na medida em que ia aumentando a repressão às organizações de esquerda, muitos movimentos contrários ao sistema se

²⁴ NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 3-97

²⁵FICO, Carlos. **Espionagem, policia, política, censurae propaganda: os pilares básicos da repressão**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4). p. 167-206.

viram com a necessidade de combater a repressão de forma mais violenta. Podemos perceber que a repressão combatida desenvolveu no país uma onda de luta revolucionária contra a ditadura. A partir do momento em que o sistema endurecia sua repressão, estes viam a necessidade de combater o regime de forma mais violenta e foram às armas que recorreram.

Toda essa concepção de revolução que ocorreu enquanto o golpe se inseria, é explicada devido haver relatos que dão subsídio à construção de uma memória da ditadura militar. Tal memorialística está inserida numa grande produção literária e artística, nos variados modos que nos dão subsídio para formar um trabalho que dialogue com o período analisado. Por isso, surge a necessidade de trazer, no segundo capítulo, uma escrita que insira a literatura memorialística de Fernando Gabeira, que dialogue com os movimentos revolucionários e a luta armada.

CAPÍTULO 2

LITERATURA E DITADURA:

esquerda, Movimento Revolucionário e Ditadura

Com as esquerdas dos anos 60 de nosso século, não poderia ser Diferente. Em nosso país, em todo o planeta, foram anos de Movimentos subversivos, de promessas de transformação, de Desafios, em que os sistemas estabelecidos foram postos a rude Prova. Apropriar-se deste passado, monopolizar, se possível, a sua Memória, passa a ser um objetivo crucial para os que vivem e estão Em luta no presente. Inclusive porque, em larga medida, o controle do Futuro passa, como se sabe, pelo poder sobre o passado, dado, por Sua vez, aos que imprimem na memória coletiva a sua específica Versão dos acontecimentos.

(Daniel Aarão Reis Fº)

2.1. A Construção Memorialística da ditadura Militar.

Quando tratamos de questões como estas, o debate acerca de memória se faz extremamente importante. Não é que iremos trazer para os dias atuais as vivências dos ex-guerrilheiros e transformá-los em heróis. Quando falo em memória nesta monografia, trabalhamos com a possibilidade do debate entre as varias versões, pois o que está presente no contexto da ditadura militar do nosso país são fatos que a nossa sociedade jamais deverá esquecer.

.Sabemos que os fatos podem ter várias interpretações. Para dar ênfase nos discursos que surgem através deste, esta monografia, como já falamos, advêm da vontade de criar um trabalho que aborde o movimento revolucionário presente no período ditatorial da apolítica brasileira, bem como a construção da memória relacionada a esses fatos. Por isso, esse trabalho não buscou apenas falar do que se concorda a respeito da luta armada e o que se construiu através dela, mas também, formar uma escrita que busque trazer as discordâncias entre alguns autores que contribuíram para construir a memória sobre os fatos, bem como seus interesses presentes.

Podemos dizer que O livro “O Que É Isso, Companheiro?”, de Fernando Gabeira, constitui uma memorialística que pontua visões sobre essa narrativa inserida na memória dos fatos esquerdistas que se seguiram nos anos

ditatoriais. Sabemos ainda, que é bem verdade a existência de várias classes que estavam composta dentro da esquerda.

Partimos do pressuposto de Marcelo Ridenti in: *Cultura e política: os anos de 1960- 1970 e sua herança*, para construirmos uma ideia de revolução que estava dentro da cultura, da política e da vida social das pessoas dos anos 1960. A utopia presente no livro de Gabeira pode ser relacionada à mesma presente no pensamento de Marcelo Ridenti, sendo esta uma forma de revolução para aquele momento. Isso é bem provável, pois o movimento de 1964 foi transformado em revolução como falamos acima, sendo que a forma revolucionária descrita por Gabeira vai ao oposto da que foi transformada o golpe. Porém, como aponta Marcelo Ridenti In: *Versões e Ficções: O Sequestro da História*: não se pode falar de esquerda separado do contexto da época.

Diante disso, e das conseqüentes práticas ditatórias que permaneceram no Brasil após o ano de 1964, Gabeira resolve escrever um livro que expõe suas experiências como militante e pontua estas quando adere ao movimento estudantil e a um movimento comunista que seria uma divisão do Partido Comunista do Brasil. Esta parcela do Partido Comunista, mais tarde formou o Movimento Revolucionário Oito de Outubro.

Vêm aí os estudantes. Corria o ano da graça de 66, e os estudantes brasileiros já entravam no pau. A invasão da Faculdade de Medicina pela polícia militar foi um desses momentos de repressão que comoveram a todos. Os estudantes foram forçados a sair pelo corredor polonês, apanhando dos dois lados, pelas costas, de cima pra baixo, de baixo pra cima. E não adiantava correr.²⁶

Vimos que Gabeira narra o fato ocorrido aos estudantes e a rebeldia contra o que estava se inserindo no Brasil, ou seja, a revolução por uma ordem social, como aponta Ridenti, para a nova ordem, construía algo que viria a ser uma das questões mais discutidas quando se fala em ditadura militar brasileira, que são as expressões artísticas e as produções literárias.

²⁶GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Após o golpe de 1964 os artistas não tardaram a organizar protestos contra a ditadura em seus espetáculos. Ainda mais porque os setores populares foram duramente reprimidos e suas organizações duramente inviabilizadas, restando condições melhores de organizações políticas especialmente nas camadas médias intelectualizadas, por exemplo, entre estudantes, profissionais liberais e artistas. Esse período testemunharia uma super politização, da cultura, indissociável do fechamento dos canais de representação política, de modo que muitos buscavam participar da política inserindo-se em manifestações artísticas.²⁷

Para dar forma ao Brasil, foi inserida no processo a mistura de vários aspectos sociais e culturais das várias raças e costumes. Neste caso, no período da ditadura e em períodos pré 1964, muitos buscavam explicar uma renovação e algo que tratasse a vida pública e privada das determinadas classes sociais existentes. O desejo dessa representação foi explicado após 1964, devido às características que marcaram os movimentos sociais de tal período.

Dessa maneira, o que visava mudar e explicar a sociedade daquela época através da arte, se transformou em uma paixão. Nasce, portanto, uma tentativa de fazer uma manifestação através da arte que englobasse cultura popular, literatura, música e demais manifestações artísticas, expressando os sentimentos e as inquietudes dos povos daquele período.

Porém, essas manifestações artísticas tendiam a ser reprimidas, até porque o AI-5 buscava barrar essas manifestações, agravando mais ainda a situação. Vários estudantes, intelectuais, políticos e pessoas contrárias à ditadura foram presos e forçados a deixar o país. O aumento da rígida censura aos meios de comunicação agravou as manifestações políticas. Se constituiu no Brasil um tempo em que não era possível nenhuma expressão de contestação ao governo militar.

Aquela geração de jovens políticos tinha uns dez anos menos que eu. Minha revolta se curtiu no triângulo familiar, nas lutas para ter os amigos que quisesse, escolher a carreira que me parecesse melhor, chegar em casa mais tarde. Esses jovens se chocam na adolescência com um problema inédito para nós: a ditadura militar.

²⁷ RIDENT, Marcelo. **Cultura e política: os anos de 1960-1970 e sua herança**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4) p. 133-166.

Nos tempos de secundarista, combatíamos uma política educacional elitista, mas num quadro de um governo democrático.²⁸

Nesse trecho do livro “O Que É Isso Companheiro?”, Gabeira relata uma característica presente em uma organização da esquerda na qual ele esteve inserido. Essa foi o movimento estudantil onde ele diz que muitos daqueles que estavam dentro de uma revolução contra a ditadura não havia sequer tido a “primeira namoradinha”; isso pra dar ênfase no perfil jovial dos estudantes que lutavam contra a repressão.

Por outro, podemos dizer que Gabeira tinha certo interesse em estar inserido numa esquerda composta por jovens do Movimento Estudantil e, mais tarde, presente na luta armada que desenvolveu o movimento revolucionário. Todavia, existe certa crítica de Fernando Gabeira sobre esses jovens que formavam o movimento revolucionário e a organização de esquerda.

Ele, de forma irônica ou sarcástica, pontua que aqueles estudantes podem ter revolucionado o país, mas causou uma revolução na vida dele. Em primeiro momento partimos dessa narrativa de Gabeira para darmos um maior enfoque no que estamos querendo dizer. Com a demanda de construir uma política pública voltada para a história oral, é bem provável que a memória deste período represente a abertura para concepções que dêem uma ênfase na pluralidade do que se produziu.

As metodologias da história oral são, desta feita, excelentes para captar estas sutilezas. Para compreender não apenas os macro-processos, mas também seus microefeitos para verificarmos como o funcionamento do aparato repressivo impactou as distintas maneiras na vida das distintas pessoas. Se a busca da verdade pode nos levar a conhecer os sítios que funcionaram centros de tortura, somente a memória pode nos permitir acessar, em alguma medida, as experiências subjetivas daquele episódio.²⁹

²⁸.GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²⁹ MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória de lutas políticas**. In: MONTENEGRO, AntonioT. ; RODEGHERO, Carla S.; ARAÚJO, Maria Paula. *Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil*. ed. Universitária da UFPE. Recife 2012. p. 15-52.

A construção da memória sobre a ditadura está inserida em um processo que visa não apenas analisar o passado, mas construir a memória. Esta, é um complexo emaranhado de sentimento e situações e está dentro do social e do coletivo das pessoas. A verdade, no entanto é apresentada como algo que seja relacionado com varias relações humanas e sociais, como bem nos relata Gabeira. Sendo assim, o seu livro é um resultado memorialístico, uma vez que se torna um confronto entre o que aconteceu no passado, onde o narrador esteve presente. É bom atentarmos para os objetivos da construção dessa memória e os reflexos deixados por ela.

A história é construída por versões, Gilberto Velho *In: Autoritarismo e violência no Brasil contemporâneo* nos deixa bem claro isso. Podemos continuar a escrever sobre determinado assunto seguindo as versões desejadas, da mesma forma que também podemos desconstruir algo que não esteja inserido em uma época. O que acontece com isso é que as coisas não falam por si só: essas devem ser interpretadas a fundo.

A sociedade brasileira é composta por um misto de culturas, bem heterogênea. Uma sociedade que foi construída, pela transmissão de seus valores., Um exemplo é a personalidade do homem de esquerda visto como homem rústico, sindical, que fala em nome dos pobres e dos trabalhadores; dessa forma foi possível construir varias versões sobre os grupos formados.

Gabeira vem narrar uma postura na qual a esquerda estava inserida, nas suas relações sociais, que marcaram a vida cotidiana das pessoas que faziam parte daquele grupo. E é nesta perspectiva que ele narra a repressão da policia contra a organização das massas que iam do lado oposto do sistema inserido em 1964. A violência estava dentro do processo político do Brasil, sendo a base de sustento da ditadura.

Violência é o uso da força, da coerção, no sentido, no senso comum, para impor vontades, interesses, desejos, aspirações. É uma negociação da realidade que chega a um impasse, em que um ator impõe a outro, através da força, o seu desejo, a sua vontade, e a sua aspiração. A sociedade brasileira, como outras sociedades, teve

marcantes exemplos, em que a negociação chegou a um impasse, e a solução foi a violência.³⁰

Vimos que é construída uma versão sobre a violência no Brasil como algo que explica os interesses das forças repressoras de instaurarem seus projetos a qualquer custo, através das perseguições políticas, por razões ideológicas. A perseguição era direcionada àqueles que não aceitavam o que era imposto; repressão esta que foi praticada aos estudantes, aos professores, e mais ainda, à classe trabalhadora, a mais perseguidos pela ditadura.

A memória sobre a ditadura se torna importante porque traz ao público de hoje uma visão sobre acontecimentos passados, bem como nos direciona aos problemas existentes na época e à crise que se instalou na política brasileira. A iniciativa de criar uma comissão nacional da verdade acaba por trazer um diferencial que esteja inserido na história do Brasil após anos de repressão.

O memorial que está sendo organizado com esses relatos de história da vida e mesmo aqueles que ainda serão produzidos com relatos de memórias em diversos outros estados se configura como um passo importante no sentido de evitar o silêncio e apagamento sobre uma das experiências históricas mais marcantes e traumáticas da história do Brasil no século XX.³¹

Desta forma, a memória é trabalhada como algo que tenta trazer à mente das pessoas os fatos ocorridos no passado, por isso ela se processa como um emaranhado de produção de documentos, reportagens, obras historiográficas, livros e outras produções que não nos permite esquecer tal período. São analisados vários discursos e, em cima destes, construídos outros, como nos aponta Antonio Torres Montenegro. In: *História e Memórias de lutas políticas*.

³⁰ VELHO, Gilberto. **Autoritarismo e Violência no Brasil Contemporâneo** In: SCHWARTZ, Jorge; SOSNOWSKI, Saúl (Orgs). Brasil: o transito da memória. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 194. p. 31-44.

³¹ VELHO, Gilberto. **Autoritarismo e Violência no Brasil Contemporâneo** In: SCHWARTZ, Jorge; SOSNOWSKI, Saúl (Orgs). Brasil: o transito da memória. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 194. p. 31-44.

Se formos procurar, encontraremos discursos, obras literárias e artísticas produzidas pela esquerda, e até documentos produzidos pela direita, que trazem certa roupagem que contempla e justifique as suas ações nesse determinado tempo. Estamos querendo pontuar que existiam pessoas na direita que não praticavam a tortura como muitos pensam; da mesma forma, existiam moderados que praticavam a tortura.

De todo modo o que Gabeira faz no seu livro “O Que É Isso, Companheiro?” é dar sentido a algo que foi vivido no período analisado. Esse livro nos serve de memória, construída em forma ficcional nem tanto singular, porém voltada para a cultivação dos fatos. Fatos esses que o autor busca destrinchar em forma de narrativa atendendo seus anseios.

Por isso, nem a história e nem as fases de uma movimentação como esta ocorrida em nosso meio estão imunes às conseqüências do tempo. A memória se torna base fundamental para a revisão e reconstrução de algo que venha a ser solidificado como um novo. Naturalmente, esta memória não se baseia em causa e conseqüência; todavia, o fato da luta contra o comunismo teria trazido a questão da “luta popular”.

2.2. O Movimento Revolucionário e a Narrativa de Fernando Gabeira

Denise Rollemberg analisa o que Jacob Gorender escreve sobre o desfecho da luta: ela explica que demorou a acontecer e que foi organizada uma reação apenas depois que os golpistas estavam dominando o poder. Isso fez com que essa luta fosse interceptada, pois o novo governo já dispunha de forças armadas organizadas, capaz de reprimir os movimentos de massas.

Ao entrar em contato com estudantes em 1968, Gabeira inicia sua trajetória como militante; depois, este se inseriu no Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8). Quando se aproxima dos estudantes, Gabeira descreve sendo um tipo de revolução da vida dele na qual aponta as movimentações de 1968 como o início de uma nova forma revolucionária.

O ai-5, decretado em 13 de dezembro de 68, foi um golpe dentro do golpe, um golpe de misericórdia na caricatura de democracia.

Caímos, aí sim, na clandestinidade. Muitos pensam que cair na clandestinidade é vestir uma capa cinza, usar óculos escuros, ou então sair de casa apenas no princípio da noite, quando o sol já desapareceu. Conosco não foi bem assim.³²

Depois do AI-5, Gabeira conta de sua adesão ao Movimento Revolucionário Oito de Outubro que era uma divisão do Partido Comunista Brasileiro. Com isso inicia sua jornada na guerrilha e nas movimentações armadas pela esquerda. A partir disso, ele irá relatar também o sequestro do embaixador norte-americano que entra para a clandestinidade.

Anteriormente foi relatado sobre a memória que se constrói hoje sobre a ditadura militar. Atrelado a isso, a memória sobre a ditadura milita se faz em volta de questões que trazem momentos de tensões, onde as esquerdas, de forma pertinente, mostram de forma enfática o verdadeiro sentido dessa resistência. Por isso, expõem que lutaram contra a ditadura e resistiram contra os governos autoritários e visavam o restabelecimento da democracia que teria sido banida em 1964.

Sem dúvida alguma, e nos aponta Denise Rolemberg, que o início de 1960 foi o período de maior participação política, onde a sociedade se organizou para atuar em lutas radicalizadas por seus ideais. Sendo assim, a memória entra coma função de perpetuar o que essas determinadas organizações “representavam”.

O livro não introduz o leitor na vivência da luta armada através da narrativa das principais ações, como fizera Gorender. Por outro lado, o estudo é capaz de levar a compreensão, melhor do que qualquer outro, do que eram as organizações armadas, como funcionavam como instrumentos revolucionários, quais as ideias que lhe davam formas e o sentido que essas ideias assumem naquele contexto. A compreensão da vanguarda é fundamental para explicar as derrotas, revelando o abismo entre seus valores e referencias e os da sociedade.³³

³²GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³³ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e luta armada**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano 4). P. 43-92.

Por outro lado, o que Denise discute é o posicionamento de Daniel Aarão Reis Filho, sobre ser contra o que se fala de opressor e oprimido, excluindo de suas percepções que a luta armada fora reprimida devido à melhor organização da repressão.

Sendo assim, ele constrói uma fala que enfatiza um projeto distante, elaborado pelo novo governo que se instalou ditatoriamente. O golpe não foi somente uma rebelião militar, e sim, uma organização formada de maneira sólida por pessoas que conspiravam contra o trabalhismo, por pessoas unidas contra o comunismo e o reformismo.

A sociedade fora silenciada pela força e pelo medo de repressão. Mas resistira, por diferentes meios e caminhos, inúmeras vezes em silêncio, articulando os mais diferentes setores. Assim, a luta revolucionária contra a ditadura seria reinterpretada como uma forma de resistência ao absoluto fechamento do regime, uma tentativa imposta pela ausência de brechas institucionais que viabilizassem, de algum modo, as lutas democráticas uma reação desesperada à falta de alternativas. Como se coubesse a ditadura a responsabilidade pela luta armada.³⁴

A construção da memória sobre esse período exerceu uma importância grandiosa para que fosse levada à tona as várias fases e movimentações que aconteceu durante a ditadura. As entrevistas e documentários foram essenciais para construir uma memória sobre tal. Fernando Gabeira com certeza ganha um amplo espaço devido a sua produção narrativa com caráter memorialístico.

Gabeira, em seu livro, lança uma crítica às organizações de esquerda onde a guerrilha ganha uma nova visão: é como se nessa composição não tivessem inclusas as experiências vividas pelos outros setores da sociedade. Mas a guerrilha falava por eles; assim, as pessoas com as armas resistiam à ditadura pela democracia.

É possível entendermos a reconstrução de uma cultura política através dessa farta gama de produções no período ditatorial. Marcelo Ridenti trabalha com a hipótese de que a importância que se dá a essas produções é o que sustenta a reconstrução de uma escrita sobre o período em destaque nesse trabalho.

³⁴ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar; 2014.p. 7-47

A guerrilha urbana conquistaria armas e dinheiro para a montagem da guerrilha rural. A guerrilha rural despertaria os camponeses, que despertariam os operários, que despertariam o povo em geral. Distribuíamos o Resistência mas achávamos que não era a tarefa principal. Quando começasse 69, iriam ver a extensão e a profundidade do que montávamos. A revolução não seria mais de palavras, nem de conchavos políticos. Marighella dizia que a ação une, que somente a ação armada iria aglutinar toda a insatisfação popular contra a ditadura.³⁵

Gabeira relata que somente a ação armada poderia dar forças a uma resistência. Todas as organizações de esquerda possuíam certa necessidade de dar legitimidade e recuperar as suas forças diante da crise política que se instalara no Brasil. O enfrentamento armado que não havia despertaria em vários setores da esquerda a vontade de resistir, uma vez que as classes médias e a burguesia do Brasil não se importavam ou davam pouca importância ao que estava acontecendo.

Dessa maneira é formada uma narrativa que envolve o movimento revolucionário do qual Gabeira fez parte. Nas palavras de Carlos Marighella, que rompeu com o PCB em 1967 devido seu caráter de pouca ação, criou a ANL dizendo que “A obrigação de todo revolucionário é fazer revolução”. Assim, essa organização criada por Marighella se tornou uma das que mais difundiu a luta armada no Brasil.

A guerrilha no Brasil era estratégica devido a dimensão territorial do país e à sua posição política e econômica no continente. Nesse contexto, tanto entre as esquerdas como entre a direita, sempre houve uma espécie de mística em torno das relações dos direitos revolucionários com Cuba e, em particular de Marighella com Cuba.³⁶

Nesse contexto, o que está em voga é o apoio de Cuba em treinar guerrilheiros para fazerem parte da guerrilha no Brasil. Assim, o amplo apoio dado a Marighella singulariza que a ANL seria o movimento ideal para ser

³⁵ GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³⁶ ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e luta armada**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano 4). P. 43-92.

depositado apoio e as ligas camponesas, o MNR não ganhavam o total apoio e não eram vistas como movimentos de ação.

De certa forma, percebemos que Marighella procura adaptar a realidade revolucionária do Brasil com a de Cuba, criando assim um ideário com elementos próprios da realidade brasileira. Nesta fase, ele se baseia na ação para direcionar o desenvolvimento da organização. Ele possuía uma grande experiência por participar do PCB, militante comunista que viveu as tensões de 1964.

Buscando trazer um sentido que reformasse o caráter de guerrilho, Fernando Gabeira constrói uma narrativa que conta a experiência da luta armada no período. “O Que É Isso Companheiro?” articula um contexto de luta que coloca o indivíduo em seu espaço e tempo.

Do ponto de vista das exigências, aquele sequestro era uma coisa muito exclusiva. Queríamos a publicação de nosso manifesto, a libertação dos nossos presos, e deixávamos aos outros a alternativa de torcer pela nossa vitória. Que desejos poderiam ser levados em conta ali? Eu pediria a felicidade, mas um governo não pode dar felicidade. O máximo que poderia fazer era renunciar, retirando-se assim de cena e reconhecendo que era um grande obstáculo à felicidade.³⁷

O livro analisado, além de trazer uma crítica aos movimentos revolucionários de esquerda e às lutas armadas, Fernando Gabeira lança na narrativa seu caráter revolucionário como militante e membro do MR-8, movimento que sequestra o embaixador dos Estados Unidos em troca de presos políticos.

Sobre isso é notório o interesse que Gabeira tem em escrever uma memorialística que esteja dentro do movimento revolucionário, do qual o mesmo fazia parte. De certa maneira, a exposição que o autor faz de si, soa como algo construído para dar ênfase na sua própria figura e alertar a sua presença na luta contra o sistema ditatorial.

³⁷ GABEIRA, Fernando. “O Que é Isso, COMPANHEIRO?” São Paulo: Companhia das letras. 2009.

O que está no livro de Gabeira contribuiu para formar uma visão que mistifica a esquerda e seus integrantes, bem como traz a luta armada como a salvadora do país contra um regime que tirava a liberdade das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício de escrever essa monografia, foram problematizados os fatos de esquerda no período da ditadura militar, mostrando todo o caráter civil e militar até a instauração do referido período, sua transformação em revolução, até a memória que está inserida na luta armada dentro de algumas organizações de esquerda. Esse foi o foco.

As formas das narrativas não apontam diretamente a uma diminuição da memória, mas a tentativa de construir uma escrita que esteja dentro da história, contribuindo assim para a sua reestruturação. Foi basicamente o que fizemos: buscamos na literatura e em algumas escritas que trata o período estudado para inserir no contexto atual questões que não podem entrar nos resquícios do tempo.

Certo de que a ditadura foi um momento escuro na política e na vida dos brasileiros, busquei tratá-la nesta monografia o que ela realmente representou. No primeiro capítulo, descrevi com base em texto e escritos o que ela foi desde o último dia de março para abril de 1964 e durante 21 anos, conseqüentemente.

O que aconteceu no Brasil de início foi uma articulação civil e militar que tinha o objetivo de limpar as lideranças trabalhistas e sindicais. Os grupos das esquerdas foram os primeiros a sofrer com o governo ditatorial. Assim passou-se a combater no Brasil o comunismo e a corrupção. Com isso, as prisões e outras arbitrariedades passaram a ser frequentes desde o momento inicial.

O que se pretendia com a implantação do autoritarismo em 1964 era o fim de uma classe reformista que estava se inserindo no Estado, e o que mais queriam eram os cortes nas relações entre as organizações dessas classes, como o movimento operário e camponês e de base social e popular. Assim foi implantado um regime autoritário culminado com um golpe civil-militar.

O que a direita e os militares temiam ainda, era o aumento do salário de outros cargos que poderiam chegar perto do salário de um oficial graduado, temendo que ninguém se interessasse pelo trabalho que poderia combater o comunismo no país. É dentro destas perspectivas do combate ao comunismo,

de reformas de bases que se levanta uma direita em defesa da ordem, mas o que muitos não sabiam é que eles tinham uma meta.

Essa é uma das explicações analisadas por alguns autores para explicar as causas do golpe. Podemos analisar, também, além da explicação de ser um golpe contra as reformas de base, o fato de os militares sempre terem em mente o que se pretendiam desenvolver no país, muito antes da formação da Doutrina de Segurança Nacional. Claro que não deve ser descartada uma crescente simpatia comunista.

Marco Napolitano afirma que a crise política não deve ser analisada pelos erros do governo Jango, e diz que para termos uma análise sobre o período, não podemos deixar o partidarismo e as paixões falarem mais alto. Antes de tomar partido, o olhar deve ser de historiador. A direita brasileira, que se levantou contra Jango, estava muito mais preocupada em defender os seus interesses, já que ele havia proposto reformas como a agrária que iria afetar tanto os latifundiários como beneficiar as pessoas com a nova distribuição de terra. O que estava em jogo era a reforma agrária, o voto do analfabeto, legalização do partido comunista e etc.

Foram tratadas em todo o texto as movimentações estudantis e outras principais movimentações de esquerda que desenvolveram posteriormente a luta armada de combate ao regime militar. Todas essas movimentações de classes estavam inseridas como revolucionárias dentro do sistema político do Brasil.

O país passava por uma crise institucional. Além do mais, o capitalismo estava em transformação. Tudo isso e outros fatores contribuem para caracterizar e marcar um período de incerteza. Na sua narrativa, Gabeira traz um grupo social no qual ele estava incluso, e que nos mostra como se deu todo aquele processo de guerrilha dentro daquele movimento.

Foi analisado também, as críticas dos outros setores de esquerda que não estavam inseridos no movimento revolucionário, mas que de certa forma eram representados por este. No livro discutido, percebemos que Gabeira traz

um aspecto que visa colocar em singularidade as diferentes classes e movimentos do período.

O propósito desta monografia foi não mistificar as diferentes organizações de esquerda, nem trazer especificidades dessas organizações. O que eu realmente propus, foi mostrar algumas organizações por trás de toda repressão que acontecia no Brasil no período ditatorial. Estou certo de que toda essa manifestação ou parte dela foi inventada pelo regime militar que, de certa forma, explicava o seu caráter.

Todavia, a trajetória revolucionária, a luta armada, a construção memorialística desta, possibilitou o desbravamento da história deste período, inserindo o homem no seu lugar e ligando-o ao seu meio por causa de suas ações. O que foi escrito nesta monografia nos serve para resgatar o espaço-tempo do que nos é peculiar a esse espaço, corroborando para maior compreensão do período em destaque e trazendo compreensões necessárias e enriquecendo o debate historiográfico.

O exercício de problematizar as questões sobre as movimentações de esquerda e o debate do movimento revolucionário se dá de maneira complexa, por se tratar de uma época com uma ampla produção bibliográfica. Por outro lado, a possibilidade de interpretar esse universo favorece a ação de expansão deste tema e uma nova construção memorialística, como falamos neste trabalho, que será discutido e ganhará ênfase com o passar dos anos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Nilson. **A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6º. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4.).p. 13-42.

FERREIRA, Jorge; Gomes, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, e pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil** Rio de Janeiro; São Paulo, 2014.p. 355-393.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.24, n47,p. 29-60, 2004

FICO, Carlos. **Espionagem, policia, política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*.6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4). p. 167-206.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória de lutas políticas**. In: MONTENEGRO, Antonio T; RODEGHERO, Carla S.; ARAÚJO, Maria Paula. *Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil*. ed. Universitária da UFPE. Recife 2012. p. 15-52.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014.p. 3-97.

REIS, Daniel Aarão, GASPARI, Elio, BENJAMIN, César, MARTINS, Franklin, MAGALHÃES, Vera Lúcia, SALEM, Helena, LEITE, Paulo Moreira, NAHAS, Jorge, RIDENTI, Marcelo, FREIRE, Alipio, HORTA, Celso, SADER, Emir, ALMADA, Izaías, LINS, Consuelo, PIVETA, Idibal, MUNIZ, Dulce, TAPAJÓS, Renato, TORRES, Cláudio e BUCCI, Eugênio. **Versões e ficções: o seqüestro da História**. 2º Ed. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo: 1997.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar; 2014.p. 7-74

RIDENTI, Marcelo. **Cultura e política: os anos de 1960-1970 e sua herança**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4) p. 133-166.

ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionarias e luta armada**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano 4). P. 43-92.

RUFFATO, Luis (Org.). **Nos idos de março**: a ditadura militar na voz de dezoito autores brasileiros. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

VELHO, Gilberto. **Autoritarismo e Violência no Brasil Contemporâneo** In: SCHWARTZ, Jorge; SOSNOWSKI, Saúl (Orgs). Brasil: o transito da memória. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 194. p. 31-44.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, Nicael Rodrigues Santana de Lima, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação _ **EXPERIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA E DITADURA MILITAR: Organizações de esquerda e repressão.** De minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de Abril de 2019.

Nicael Rodrigues Santana de Lima
Assinatura

Nicael Rodrigues Santana de Lima
Assinatura